

ORIGINAL

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Apoio

Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq), bolsa de
Produtividade em Pesquisa Nível C
(processo: 300096/2025-9).

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

30 jun. 2024

Versão final

29 maio 2025

Aprovado

17 out. 2026

A extrema-direita e o catolicismo reacionário: a disputa por hegemonia no contexto contemporâneo e o regresso à casa patriarcal

Far right and reactionary catholicism: The dispute for hegemony in the contemporary context and the return to the patriarchal house

Emerson Sena¹ 

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Departamento de Ciência da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: <emerson.silveira@ufjf.br>.

Como citar este artigo: Sena, E. A extrema-direita e o catolicismo reacionário: a disputa por hegemonia no contexto contemporâneo e o regresso à casa patriarcal. *Reflexão*, v. 51, e2613755, 2026. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e13755>.

Resumo

O artigo pergunta-se quais seriam as razões da afinidade entre a extrema-direita e o catolicismo reacionário-tradicionista. Para compreender essa relação, analisou-se um texto que conclamou os católicos a votar no líder da extrema-direita brasileira, Jair Bolsonaro, relacionando-o ao escritor fascista Charles Maurras (1868-1952), e seus contextos. O documento foi publicado em página eletrônica por um padre católico tradicionalista durante as eleições de 2018, e vinculou ideias e personagens separados no tempo e no espaço, mas em profunda comunhão. Para investigar como o reacionarismo religioso-político e a extrema-direita contemporânea se relacionam, os contextos dos dois personagens serão descritos e o documento será interpretado e cotejado com as ideias maurrasianas. A afinidade envolve moral, economia, política, sociedade e filosofia da história. Como hipótese, propõe-se que a relação entre a extrema-direita e o reacionarismo-tradicionista católico decorre da estreita convergência entre visões de mundo. Estas, por sua vez, são respostas às fraturas sociais produzidas pelo capitalismo. A metodologia qualitativa será baseada em revisão bibliográfica parcial, levantamento de fontes primárias e secundárias relativas aos personagens e contextos contidos na carta-manifesto. Conclui-se que, no contexto de crise neoliberal, as ideias da extrema-direita e do reacionarismo católico estão em sintonia no documento e na trajetória das duas personagens político-religiosas examinadas.

Palavras-chave: Casa patriarcal. Charles Maurras e Bolsonaro. Extrema-direita. Reacionarismo católico.

Abstract

The article explores the reasons behind the affinity between the extreme right and reactionary-traditionalist Catholicism. To understand this relationship, this article analyzes a text that urged

Catholics to vote for the leader of the Brazilian far right, Jair Bolsonaro, drawing parallels with the fascist writer Charles Maurras (1868–1952) and his historical context. The document, published on a website by a traditionalist Catholic priest during the 2018 elections, links ideas and figures separated by time and geography, yet united by a deep ideological communion. To investigate how religious-political reactionism and the contemporary far right intersect, the article outlines the historical contexts of Bolsonaro and Maurras and interprets the document in comparison with Maurrasian thought. The central hypothesis posits that the relationship between the extreme right and Catholic reactionary-traditionalism is rooted in a shared worldview – one that offers a response to the social dislocations and fractures produced by capitalism. This worldview encompasses moral, economic, political, societal, and historical-philosophical dimensions. The research employs a qualitative methodology, based on a partial review of relevant literature and an analysis of primary and secondary sources related to the key figures and historical contexts referenced in the manifesto-letter. The article concludes that, in the context of neoliberal crisis, the ideas of the extreme right and Catholic reactionism are in convergence, both in the content of the document and in the broader trajectories of the two political-religious figures examined.

Keywords: Patriarchal house. Charles Maurras e Bolsonaro. Far right. Catholic reactionism.

Introdução

O artigo propõe como questão, o enlace entre a extrema-direita e o catolicismo reacionário contemporâneo, e, mais especificamente, as convergências entre suas visões de mundo, sociedade, humanidade. Tomarei como *corpus analítico* o texto, que denomino carta-manifesto, publicado pelo padre tradicionalista João Batista Ferraz Costa (2018), e os contextos histórico-sociais relacionados aos seus dois personagens político-religiosos, Jair Bolsonaro e Charles Maurras. O discurso textual conclamou os católicos a votar no candidato da extrema direita, apresentando-o como melhor continuador das ideias do escritor francês fascista. Investigo não o impacto da atuação do padre tradicionalista, do político da extrema-direita ou do escritor francês, mas a tessitura que os aproximou e seus contextos específicos.

Persigo a hipótese que a afinidade manifesta entre as ideias político-religiosas reacionárias e de extrema-direita, expressas nesses personagens e na carta-manifesto, é uma resultante advinda da convergência entre a visão de mundo e de humanidade e das fraturas sociais causadas pelo capitalismo, e, contemporaneamente, por seu programa neoliberal². Os grupos, que sustentam o extremismo à direita e o reacionarismo católico, são heterogêneos, possuem variadas raízes históricas e se mobilizam em torno destas categorias: Estado, origem/pátria/identidade, família, economia e liberdade, dentre outras. Trata-se de investigar proximidades entre pressupostos e retóricas que, no entanto, não apagam discordâncias e diferenças. Não se trata de esmiuçar as ideias da extrema-direita e do reacionarismo católico, nem a trajetória das personagens, mas sua transformação em senso comum.

Para compreender essa trama político-religiosa, elaborei uma malha textual que, à moda weberiana³, desenhou, em tons mais intensos, silhuetas socioantropológicas. Estruturei o texto em três partes. Na primeira, descrevo o ambiente político-religioso de Charles Maurras. Depois, esboço um quadro de sua trajetória e ideias. Em ambas as partes, trago vislumbres do contexto brasileiro. A seguir, apresento o contexto imediato da carta-manifesto. Por fim, interpreto e cotejo esse documento político-religioso com algumas ideias maurrasianas elementares. Por isso, compreender como essa rede retórico-praxiológica emerge na história presente é uma tarefa intelectual importante para a ciência da religião e as ciências sociais.

² As ideias neste texto, não provém de um único autor, mas de um conjunto de autores que interpretei. Eles se encontram nas referências.

³ Em um debate com colegas, o sociólogo, economista e filósofo alemão teria dito: “Exagerar é a minha profissão”. (Cohen, 2003, p. 1).

O contexto de emergência das ideias maurrasianas

Entre finais do século XIX e a Primeira/Segunda Guerra Mundial (1914-1918/1939-1945), houve uma imensa transformação socioeconômica e religiosa. A exaltação do progresso, da civilização, do comércio (exposições universais) e da vida urbana, foi concomitante ao brutal colonialismo e aos excruciantes problemas sociais. Havia movimentos grevistas operários, repressão policial-militar, pobreza nas periferias urbanas e rurais, revoltas populares, guerras coloniais, grupos armados paramilitares, disputas eleitorais acirradas, sedições aristocráticas, insurreições reacionárias, atentados políticos, efervescências de correntes político-religiosas. Por essa época, e até os anos 1970/1980, o horizonte histórico-social era concebido como uma estrada aberta e um campo de utopias. Havia impulso para se realizar a modernidade por diversas vias: nazifascista, progressista, revolucionária, reformista (Berardi, 2019). A noção moderna de história universal em movimento, dividida entre sincronia e diacronia, dos retrocessos aos progressos, e suas noções políticas modernas, nasceram a partir das Revoluções Burguesas/Sociais (Hobsbawm, 1995; Koselleck, 2014)⁴. Desde então, surgiram múltiplas configurações no campo sociorreligioso: nacionalismo, ultramontanismo, comunismo/socialismo, social-democratismo, nazifascismo, liberalismo, libertarismo, integralismo, intransigentismo, anarquismo.

O avanço do capitalismo extrativista-colonial, industrial e financeiro, seus desdobramentos e contradições, abalou a ordem sociorreligiosa e política europeia/mundial (Mattei, 2022; Prado, 2023). Nesse modo de produzir a existência social e individual, racional em termos instrumentais, a extração/apropriação privada do valor do trabalho social-coletivo e dos bens-comuns, são conduzidas por uma metafísica. O capitalismo é o capital/valor em movimento, numa crescente e incessante acumulação e autorreprodução (Kurz, 2004). Forças sociais e político-religiosas são instadas, pelo movimento de planetarização e expansão do capitalismo, a se posicionar. E elas se põem, direta ou indiretamente, a favor ou contra à marcha irracional dessa tendência universal-totalizante. O pesadelo do capital em sua ‘missão civilizadora’⁵ se torna objeto de fascínio, de crítica ou de tentativas de ultrapassagem (Kurz, 2004; Hardt, Negri, 2016). As forças político-religiosas tentam intervir em seus fluxos: restringir, liberar com maior ou menor controle, enquadrar/regular seus efeitos caóticos ou superar.

No compasso das forças reacionário-tradicionalistas, ansiava-se restabelecer as antigas normas (o *nomos* substituído). Para Charles Maurras (1911, p. 2), “o problema da disciplina e da liberdade se expressa na escolha entre ouro e sangue, entre o banqueiro e o príncipe, entre a balança do cambista e a espada do rei”⁶. No compasso das forças revolucionário-reformistas, desejou-se um mundo novo, em que a igualdade social e a autorrealização humana fossem harmonizadas. Para a crítica reacionária, “nada existe que seja mais verdadeiro nas outras fórmulas com que a democracia social tentar justificar a sua perniciosa luta” (Maurras, 1972, p. 66)”. “Estas fórmulas [...] nada têm de social, são as monótonas palavras de ordem dos políticos revolucionários a favor da utopia da igualdade” (Maurras, 1972, p. 66)”.

Na conflagração gerada por essas forças, emergiu a crítica da insuficiência da democracia liberal representativa (democracia burguesa), para lidar com as crises político-econômicas. Setores nazifascistas e conservadores, às vezes em associação, e setores anarquistas, socialistas/

⁴ Revolução Inglesa, 1649; Revolução Americana, 1776; Revolução Francesa, 1798 e Revolução Haitiana, 1791.

⁵ Expressão de Karl Marx.

⁶ Tradução livre do original: “Le problème de la discipline et de la liberté se traduit par le choix entre l’or et le sang, entre le banquier et le Prince, entre la balance du changeur ou l’épée du roi”.

comunistas, ambos com o apoio de pequenos grupos cristãos, intensificaram esse criticismo⁷. Na ótica maurrasiana, a democracia é a tirânica imposição da vontade numérica. Contrapondo-se a ideia da democracia social, afirma Maurras (1960, p. 62):

O que é [...] invocado é uma razão suprema, a razão criadora dum plano fixo, claramente desenhado, duma ordem estável e definida [...], as famílias, as associações, as cidades, as nações [que] estão submetidas [...] a constantes de higiene, a leis de salvação, que regem a sua duração e a sua prosperidade.

Apesar das limitações, a democracia representativo-liberal trouxe a ampliação da cidadania (voto feminino) e dos direitos sociais e trabalhistas através de intensas lutas coletivas (sufragistas, sindicatos operários, partidos de esquerda e centro-esquerda, movimentos sociais)⁸. O campo aberto de disputas permitiu a politização e a ebulição das correntes políticas liberais, socialistas, comunistas, reformistas, anarquistas, nazifascistas, eugenistas, nacionalistas, republicanas, monarquistas e libertárias. Na práxis e no discurso estava em jogo as categorias de origem (nação/pátria), família, moral, Estado, liberdade, economia, sangue/raça. Seus significados eram disputados porque não eram mais naturais. Em alguns pontos, os sentidos eram distintos, mas também se aproximavam, sobrepunham-se, contrapunham-se. Alguns contextos e usos semânticos permitiam combinações diversas e trânsitos de sentidos. Com a crescente interligação planetária, a polarização político-social-religiosa se espalhou pelo mundo. A expansão das disputas aumentou os círculos de leitores de livros, panfletos, documentos, intelectuais e escritores que debatiam, condenavam ou promoviam essas visões de mundo.

O campo político-religioso era disputado acirradamente. Em 1917, São Paulo foi sacudida pela primeira greve operária de grande envergadura, criticada por círculos monarquistas, positivistas e integralistas brasileiros, que tinham muitos leitores maurrasianos (Centro de Memória Sindical, 2020). Em 1922, ocorreu o primeiro congresso eucarístico nacional que comemorou os 100 anos da Independência de Portugal. A Igreja colocou uma multidão nas ruas da capital republicana e disputou a ideia de nação e identidade com laicos, ateus, intelectuais, minorias religiosas. No mesmo ano, a Semana de Arte Moderna colocou em pauta novas formas estético-sociais-políticas laicas. Logo depois, ocorreu a Revolta Tenentista, liderada por Luís Carlos Prestes, que criou a Coluna Prestes, percorrendo o território brasileiro⁹. Criou-se o Partido Comunista.

Em 1928 foi criado o primeiro grande movimento monarquista, a Ação Imperial Patrianovista Brasileira, fundada pelo militante afro-brasileiro Arlindo Veiga dos Santos, seguidor confesso de Maurras, tesoureiro do Centro Dom Vital, com uma retórica violenta e de apelo à violência (Wink, 2023). O movimento lutava pela restauração de uma monarquia ideal, “baseada no Rei, na Igreja e nas corporações, estas antecipando a proximidade com o integralismo” (Wink, 2023, p. 73). Dentro do catolicismo integralista, fascismo, monarquismo, positivismo, ideias maurrasianas de pátria, governo (Estado), economia, liberdade, família, moral eram intercambiáveis. “Os círculos católicos e monárquicos brasileiros [...] eram grandes admiradores de Maurras e tinham vínculos firmes com

⁷ No rol dos críticos, Carl Schmitt, à direita pelo nazismo; Wladimir Lênin, à esquerda, pelo comunismo soviético. Não é meu objetivo investigar a posição de Schmitt e sua leitura do conceito paulino de *katechon*. Ver Cacciari (2013). Mas, houve muita violência. Por parte da extrema-direita: sangrenta repressão, tortura, guerras. Da extrema-esquerda, guerrilha, assassinatos políticos, revolução armada.

⁸ Para se ter uma ideia eleitoral: em 1919, na Itália, três anos antes da ascensão do fascismo, os socialistas obtiveram 32% por cento dos votos, e se tornaram o primeiro partido nacional, sob a liderança de Matteo Matteotti. Os liberais coligaram-se aos fascistas e aos católicos para derrotá-los. Nos EUA, Eugene Debs, líder socialista, alcançou, dos votos nacionais, quase 6%. Para se ter uma ideia eleitoral: em 1919, na Itália, três anos antes da ascensão do fascismo, os socialistas obtiveram 32% por cento dos votos, e se tornaram o primeiro partido nacional, sob a liderança de Matteo Matteotti. Os liberais coligaram-se aos fascistas e aos católicos para derrotá-los. Nos EUA, Eugene Debs, líder socialista, alcançou, dos votos nacionais, quase 6% em 1912, e 3,5%, em 1920, enquanto estava preso por protestar contra a Primeira Guerra.

⁹ Oficial do Exército, um dos líderes do tenentismo. Tornou-se comunista. Foi algumas vezes a Moscou//URSS com sua esposa, Olga Benário. Foi eleito senador pelo Rio de Janeiro, mas, depois, cassado por declarar vínculos diretos com Moscou.

seus colegas em Paris ou Lisboa” (Bertonha, 2018, p. 16; Wink, 2023). Veio a revolução de 1930, mais convulsões sociais e disputas político-religiosas. Em 1931, a legislação trabalhista corporativa, que iniciava seus passos, foi influenciada por especialistas católicos conservadores (Wink, 2023). Pode-se ver aí uma complexa nebulosa de ideias, de variadas fontes, mas com visíveis traços maurrasianos e da Doutrina Social da Igreja.

Em 1932, ocorre, em São Paulo, a Revolução Constitucionalista. Em seguida, surge a Ação Integralista Brasileira (AIB), que reuniu grupos afeitos ao nazifascismo. Essa associação recebeu influências do pensamento maurrasiano. Seu lema “Deus, Pátria e Família” foi criado por Plínio Salgado. Admirador de Maurras, ressignificou as principais ideias do escritor francês e as noções fascistas europeias (Trindade, 2016; Bertonha, 2018). Uma organização militante-irmã da AIB, a Frente Negra Brasileira (1931), também tinha sido criada sob lema similar, “Deus, Raça, Pátria e Família”, junto com a Guarda Imperial Patrianovista, grupo paramilitar que defendia um suposto Brasil cristão monárquico e cultivava a saudação “Glória!”, estendendo o braço direito (Wink, 2023, p. 85). Essas organizações, partidos e movimentos foram dissolvidos durante o Estado Novo (1937-1945), mas a herança perdurou: após o vagalhão da direita/extrema-direita em 2015, criou-se a Ação Orleanista do Brasil. Presente nas principais plataformas eletrônicas desde 2019, faz profissão de fé no legado do afro-brasileiro patrimonista e cultiva ideias maurrasianas¹⁰.

Em 1934, Getúlio Vargas convocou uma assembleia constituinte e novas eleições. Foi eleito presidente. Plínio de Oliveira, católico reacionário, oriundo das aristocracias rurais paulistas, tornou-se deputado federal. A nova constituição foi objeto de grande influência conservadora católica¹¹. Em 1960, esse deputado fundou a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), que, no nome, traz religião, política e economia. O líder tefepista brasileiro teria sido membro da ação patrianovista. A defesa da monarquia e da dinastia imperial brasileira, presente em alguns ramos tefepistas e círculos de classe média/alta, traz a sombra do escritor francês fascista (Wink, 2023). Por meio dos herdeiros desses movimentos, a herança maurrasiana sobreviveu. O prolongamento dessa influência se diluiu, mas nos tempos contemporâneos, cheios de fraturas sociais e crise neoliberal, reemergiu mais vívida, como se verá na carta-manifesto e em seu contexto (Costa, 2018).

Em 1935 surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que agrupou socialistas, liberais e católicos sociais. A AIB e ANL inflamaram o cenário político, arregimentaram milhares de partidários, se confrontaram¹². Ainda nesse ano ocorreu a Intentona Comunista, que buscou depor o governo. Houve insurreições comunistas em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Foi decretado Estado de Sítio. Em 1936¹³, o líder comunista Luís C. Prestes foi preso. Em 1937, o Governo Vargas instituiu a ditadura denominada Estado Novo (1937-1945), simpática aos ideias nazifascistas (Trindade, 2016)¹⁴. Dissolveu partidos políticos, retirou a liberdade de expressão¹⁵, nomeou interventores

¹⁰ Página eletrônica: <https://www.orleanismo.com.br/>, Instagram: <https://www.instagram.com/orleanismo/>. Num post de maio de 2025, se lê: “A Ação Orleanista é Ação Imperial Patrianovista. [...] hoje, assumimos a responsabilidade e o árduo compromisso de manter vivo o legado de Arlindo Veiga dos Santos de forma integral. O Império vive e marcha em silêncio. Juntem-se a Ação Imperial Patrianovista!”. Fonte: <https://www.instagram.com/p/DJXi4SWvVh6/>. Youtube: <https://www.youtube.com/@orleanismo>. Em 2023, deu palestra sobre Maurras e divulgou em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=7r0Eo3H2Dj8>

¹¹ Por exemplo, foi mantido o divórcio, os privilégios católicos e reintroduzido ensino religioso.

¹² Ficou famoso o ‘voo das galinhas verdes’, ocorrido na cidade de São Paulo. Integralistas se digladiaram com comunistas, anarquistas e socialistas. Um militante comunista foi assassinado. Os integralistas foram postos para correr pelos demais grupos políticos. A fuga de seus militantes vestidos de verde (despiram-se dos uniformes, deixando-os pelo caminho), rendeu o nome jocoso. Os integralistas tinham uma saudação em tupi-guarani (anauê) uniforme com a letra grega sigma, e outras reapropriações.

¹³ O Governo usou um plano falso, o Plano Cohen, criado por um membro do integralismo, como se fosse uma ameaça comunista à democracia. O objetivo era pressionar a sociedade e o congresso para que acatar o Estado de Sítio.

¹⁴ Por exemplo, emitida secretamente pelo Itamaraty, a circular n. 1227, proibia a concessão de vistos aos judeus que fugiam da perseguição nazista. Em 1936, o governo Vargas deportou Olga Benário Prestes, militante comunista de descendência judaica, grávida de seu esposo, o líder comunista Luís C. Prestes. Entregue a temida Gestapo, foi enviada para campo de concentração, e assassinada. Sua filha escapou.

¹⁵ Em 1939, o Estado Novo criou o Departamento de Imprensa e Propaganda.

para governos estaduais, proibiu os idiomas dos imigrantes. Pouco depois, ocorreu a Intentona Integralista (1938). O grupo, com um levante armado, procurou tomar o Palácio do Catete, sede do governo federal (Rio de Janeiro). O regime varguista impôs severa repressão, exilou os líderes do movimento e o extinguiu. O controle autoritário se deu junto com políticas trabalhistas e industriais, que estabeleceu alianças com as classes trabalhadoras e capitalistas. Parte da regulação do conflito entre capital-trabalho foi inspirada na ideia de corporações/guildas, que contém traços maurrasianos: instituições intermediárias orgânicas entre o indivíduo e o Estado. Maurras (1924) buscou essas noções na monarquia católica medieval. Elas seriam a resposta a “um Estado central confiado à escolha electiva de vontades populares, a sua legislação votada e querida [...]”, o que seria um mal terrível, pois “quem quiser as liberdades cívicas deve renunciar ao governo electivo.” (Maurras, 1960, p. 90)¹⁶.

O liberalismo econômico-político herdeiro do século XVIII, que acreditava no novo modo de produção capitalista e na força política da democracia representativa liberal, entrou em profunda crise (Mattei, 2022). O liberalismo, inaugurado com a violência das revoluções, que pôs abaixo o Antigo Regime, o feudalismo e seus ordenamentos metafísicos-religiosos, se propunha universalista-internacionalista, confiava na capacidade ordenadora da razão humana, fiducia que o socialismo e o comunismo também compartilhavam. Eram as grandes vias de construção da modernidade, herdeiros do movimento iluminista e contraditórias influências do romantismo. Mas, diante da ascensão da alternativa socialista-comunista dentro dos marcos eleitorais da representação parlamentar, uma parte dos liberais não enxergou vínculo entre capitalismo e regime democrático liberal e apoiou os regimes nazifascistas (1920-1945) e as ditaduras cívico-militares europeias e latino-americanas (1936-1980). Os liberais restantes aliaram-se aos socialistas e sociais-democratas e defenderam a democracia liberal no período mais crítico (Hobsbawn, 1995)¹⁷. Entre 1920-1948, as escolas de pensamento econômico-político Austríaca e de Chicago, com Friedrich Hayek, Milton Friedman e Ludwig von Mises (Mattei, 2022) nasceram da radicalização das ideias liberais. Elas lutaram contra as vertentes teórico-práticas marxistas, socialistas, social-democratas, keynesianas e prepararam o advento do neoliberalismo, cuja hegemonia mundial iniciou-se nos anos 1970, e se encontra em profunda crise (Saad-Filho, Morais, 2018). Sabe-se que nas forças econômicas há profundas conexões com a religião: “o neoliberalismo de von Mises fundamenta-se em uma filosofia de inspiração religiosa e aristocrática”. Sua teoria compromete-se “[...] com uma ontologia de dois mundos, inspirada pela filosofia de Tomás de Aquino.” (Augusto, 2016, p. 86). No “neoliberalismo religioso de Von Mises [...] é possível entender que a defesa radical do neoliberalismo venha acompanhada [...] do fundamentalismo religioso de Joseph de Maistre”¹⁸ (Augusto, 2016, p. 108). As ideias dessas escolas serão essenciais na configuração da extrema-direita contemporânea, que ressignificou ideias maurrasianas.

O constante abalo social-político lançou profundas incertezas sobre o papel e a função da Igreja na modernidade e no mundo, acirrou suas contradições internas, levou leigos, sacerdotes, bispos e papas a se envolver, direta ou indiretamente, com correntes intelectuais e fenômenos político e socioeconômicos. Oscilou-se entre a condenação intransigente da modernidade, na versão liberal-capitalista e socialista/comunista, e a adaptação e reforma¹⁹. Reforçou-se a centralização (Vaticano I, 1870): maior controle espiritual-econômico sobre irmandades leigas,

¹⁶ As conquistas trabalhistas feitas pelos movimentos operários (anarquismo, socialismo e comunismo), foram reunidas na Consolidação das Leis Trabalhistas, com o Decreto-Lei 5.452, 1 de maio de 1943. A relação com a Igreja e a moral cristã foi ambivalente. O Decreto-Lei, nº 2.848, 07/12/1940, por exemplo, despenalizou o aborto em casos de risco à vida da mãe e estupro, o que gerou protesto católico.

¹⁷ Ver artigo de Clara Mattei (2022b), que aborda o apoio dos liberais ao líder fascista Benito Mussolini, quando ele se tornou o primeiro-ministro.

¹⁸ Joseph de Maistre (1753-1821), jurista e filósofo, pôs-se contra o Iluminismo e a Revolução francesa.

¹⁹ Movimento que a reivindicava o poder espiritual da Igreja sobre o poder temporal.

santuários, devoções populares, impositação da autoridade moral do papado (*Ex cathedra*), romanização da liturgia e da educação (seminário/currículo), estímulo ao missionarismo no mundo, volta à tradição escolástica (neotomismo), promoção de campanhas religiosas massivas, endurecimento da disciplina, clericalismo. Depois de perder os Estados Pontifícios, sua grande posse territorial e econômica, a Igreja condenou a laicidade (separação poder religioso-poder estatal), e atuou junto às populações rurais e urbanas, elites aristocrático-oligárquicas, ditadores, líderes políticos eleitos, procurou influenciar partidos, lançou ligas eleitorais, buscou *aggiornamento* reacionário em algumas situações, e sociais em outras ao criar organizações internacionais de assistências social (Cáritas, 1879). De uma forma ou de outra, a instituição foi obrigada pelo espírito do tempo, a atuar dentro de novas realidades políticas, num jogo complexo entre recusa/aceitação.

A tradição integralista e antimoderna alcançou o auge com as encíclicas *Syllabus Errorum Modernorum* e a *Quanta Cura*, publicadas em 1864. Lançadas pelo Papa Pio IX (1846-1878), elas estabeleciam os grandes inimigos da Igreja: modernismo, socialismo, protestantismo, liberalismo. Leão XIII (1878-1903) publicou as encíclicas *Diuturnum Illud* (1881), *Immortale Dei* (1885), *Libertas Praestantissimum* (1888), que versavam sobre as ideias políticas, a autoridade, a constituição cristã dos Estados e a liberdade humana. A mais importante, *Rerum Novarum* (1891), reorganizou o pensamento católico sobre a questão social, admitiu o direito de associação dos trabalhadores rudemente explorados, rejeitou o socialismo e o liberalismo, defendeu o direito à propriedade privada, refletiu sobre os limites da intervenção do Estado na economia. Mas o papado leonino incorporou um severo conservadorismo doutrinário²⁰.

Com as condenações do Vaticano ao modernismo, socialismo, liberalismo, Maurras (1960, p. 83) concordava profundamente, apesar de agnóstico por essa época: “[...] nenhum bem público nascerá de um total de puras convenções escrutinadas se ele não participa ou deriva de um outro fator [...]: a conformidade com o Código (natural ou divino) [...]: o código das relações ingênicas entre a paternidade e a filiação [...] a disciplina das iniciativas e a das tradições”. O escritor provençal manifestou admiração pela Igreja, quando, em 1907 e 1910, sob Pio X (1903-1914), veio novo influxo reacionário e foram promulgadas a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (condenação das doutrinas modernas), o decreto *Lamentabili Sane Exitu* (erros do modernismo) e o juramento antimodernista *Sacrorum Antistitum*. O integrismo católico se propagou mundialmente e guardava afinidades com as ideias maurrasianas, em especial sua admiração pelo medievalismo (Wink, 2023). Foi o tempo de uma enorme reorganização político-religiosa com as Concordatas, um instrumento político-diplomático que, segundo Almeida de Carvalho (2001), era uma forma de lidar com as vitoriosas configurações de secularização e laicidade. Elas regulavam as relações entre o poder civil e o religioso, possuíam valor de tratado internacional e foram celebradas por duas entidades soberanas (Estado do Vaticano e outro Estado). Assinadas com regimes ditatoriais/totalitários e democrático-liberais, elas conferiram, no entanto, legitimação e estabilidade aos governos antidemocráticos²¹. Estes perseguiram a Igreja e os católicos quando seus interesses raciais, econômicos e políticos eram contrariados. Por outro lado, a experiência dos padres operários belgas (1912-1927), dentre outras, expressou a tentativa de dialogar com a modernidade dentro dos limites

²⁰ Havia um largo magistério sobre a injustiça social. Leão XIII o sistematizou na Doutrina Social da Igreja. A tradição patrística e o cristianismo primitivo, que foi elogiado por Friedrich Engels, guarda similaridades com as tradições socialistas e comunistas seculares (Salamito, 2024).

²¹ Segundo Almeida de Carvalho (2001), Pio XI (1922-1929) e Pio XII (1939-1957), fizeram concordatas a República de Weimar (Baviera, 1924; Bade, 1932; Prússia, 1929); Letônia (1922) e Lituânia (1927), estados democrático e ditatorial respectivamente; Polônia (1925), democracia parlamentar; Romênia (1927), república liberal com minoria católica de rito greco-romano; Itália-Mussolini (1929); Áustria (1937); Alemanha-Hitler (1933), que tinha 1/3 de católicos; Portugal (1940), Espanha (1953) e República Dominicana (1954). No Brasil, uma concordata foi celebrada em 2008, entre Bento XVI e Lula da Silva, e publicada em 2010. Foi objeto de questionamento jurídico em alguns pontos, como o do ensino religioso. Costuma-se citar os acordos feitos em 1826 e 1889, mas questiona-se se foram concordatas ou tratados político-administrativos de menor abrangência.

da doutrina²². A ação católica italiana teria sido mais reacionária, e a belga, mais social. No Brasil, ela surgiu como resposta da Igreja à criação da Aliança Nacional Libertadora (1935), com um forte anticomunismo e reacionarismo (Azzi; Grijp, 2008). Mas antes, o Centro Dom Vital (1922) no Rio de Janeiro, liderado pelo advogado, polemista e jornalista Jackson de Figueiredo, sob as bênçãos do cardeal Dom Leme, foi um celeiro de movimentos reacionários diversos. J. de Figueiredo²³ foi um seguidor do pensamento político de Joseph de Maistre, aristocrata, filósofo, jurista e pensador reacionário, e teria sido “o introdutor das ideias de Maurras no Brasil [...]” (Arduini, 2015, p. 22). De forma geral, os pontificados novecentistas e vintecentistas, e o catolicismo, oscilaram, com muitos matizes e mediações, entre a condenação furiosa do mundo moderno e as tentativas de diálogo e atualização pastoral e doutrinal diante da modernidade capitalista. Um mundo novo rasgou o tecido inconsútil político-religioso cristão²⁴. O movimento oscilatório, cheio giros de rotação lenta, produziu configurações que se estendem à contemporaneidade. O escritor fascista francês emergiu nesse ambiente conturbado.

Charles Maurras: heranças complexas e trajetórias múltiplas

Nascido em Martigues, Provença - França, Charles Maurras teve uma infância trágica no interior de uma pequena aristocracia-rural decadente (Chiron, 1991). Órfão de pai aos seis anos, ficou surdo aos catorze. Deprimido, tentou suicídio. Em 1895, estabeleceu-se em Paris com a família, ano em que foi reprovado no *Baccalauréat*²⁵, fracasso que o abalou profundamente. O autodidatismo o fez ler em abundância e de forma caótico-eclética: Tomás de Aquino, Emile Zola, Saint-Beuve (ateu), Auguste Comte, filósofos idealistas alemães (Chiron, 1991). Alguns o veem como um intelectual brilhante, outros, como um escritor ressentido e eclético²⁶. Suas ideias e práticas eram múltiplas²⁷. Defendeu o classicismo na poesia/artes, e, em sua longa carreira, foi autonomista, corporativista/federalista, monarquista (defendeu a dinastia de Orléans), agnóstico, adepto de práticas esotéricas. Fez sucessivas aproximações com a Igreja. Mostrou-se arrependido de algumas ideias e escritos quando Pio XI (1922-1939) reprimiu os maurrasianos católicos e alguns de seus livros (Chiron, 1991). Odiava o comunismo, o liberalismo e a democracia, acusados por ele, de paixão patológica pela igualdade, diante da inamovível desigualdade (Maurras, 1954; 1960). Aplicou o positivismo de Comte às análises político-sociais, e tomou-o como um elemento moral-transcendental (Maurras, 1954). Ele queria restaurar a Ordem enquanto elemento metafísico, que incluía a estética classicista, e se via como um cavaleiro em batalha contra tudo o que pudesse soar como moderno, sentimental ou internacional/universalizante: republicanos, românticos, pacifistas, maçons, protestantes, judeus²⁸, socialistas/comunistas, democratas católicos ou sociais, universidades e intelectuais (Chiron, 1991; Maurras, 1972). Ele se via em guerra contra os inimigos da França eterna, como ele denominava o mito nacional, sua musa racialmente pura. Maurras desenvolveu uma militância agressiva, combativa, polemista: envolveu-se em conflitos violentos (duelos com espada)²⁹ e

²² A Liga Operária Católica nasceu na Bélgica, em 1912. Foi criada pelo padre Joseph Cardijn. Depois veio a chamar-se Juventude Operária Católica, JOC (1924). Em 1927, ela foi inaugurada na França. No Brasil, a ação católica começou em 1932, quando Dom Leme instituiu a Juventude Feminina Católica.

²³ Em 18 de março de 1920, dedica a Maurras uma calorosa homenagem. Link: <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/coluna-do-patrono/atraves-da-obra-de-charles-maurras>

²⁴ As posturas antimodernas ou dialogais de cada papa tiveram influências, mas não poderei detalhá-las.

²⁵ Instituído em 1808 por Napoleão Bonaparte, o exame finalizava os estudos secundários e dava acesso ao ensino superior. Consistia em uma série de provas orais e escritas em diversas disciplinas. Foi reformulado e ainda é um marco do ensino francês.

²⁶ Na extrema-direita, há um componente psicossocial e psicopolítico de frustração e autodidatismo. Olavo de Carvalho e Luís F. Pondé, ideólogos da extrema-direita brasileira, expressam isso. O primeiro, concluiu somente o ensino básico, orbitou em torno de Steve Bannon, cultivou ideias caótico-acríticas. O segundo elogiou Olavo de Carvalho, lamentou não ter sido médico.

²⁷ Neste portal dedicado à sua memória, estão seus escritos e seus comentadores/discípulos contemporâneos: <https://maurras.net/textes/>

²⁸ Em 2018, uma homenagem a Maurras na França foi cancelada. O motivo: a condenação por antissemitismo (Peletier, 2018).

contribuiu com a elaboração de leis raciais na Itália fascista (1922-1945) e na França Ocupada de Vichy (Chiron, 1991). O pavor da dissolução lhe rondava: dissolução dos laços locais, nacionais, da identidade e hierarquias [supostamente] naturais, veneráveis como sólidas montanhas e muralhas feudais que, no entanto, há muito tempo vieram abaixo pelas mãos republicanas, liberais, socialistas, comunistas e sociais-democratas. Segundo Joly (2015), Maurras se juntou a *Action Française* (A.F.), jornal e movimento surgidos em 1899, e ajudou a dirigi-los. Tornaram-se um dos mais influentes movimentos de extrema-direita. Durante o caso Dreyfus que abalou a França e o mundo³⁰, propôs o nacionalismo antijudeu, o que o levou ao racismo (Joly, 2015). Com seus discípulos, o autodidata francês defendeu a noção de solo e sangue. Criou os *Camelots du Roi* (Cavaleiros do Rei), tropa de choque que atacava opositores e críticos. Muitas de suas ideias de raça, pátria, família, estética, poesia, foram filtradas e mediadas, com inflexões sobre múltiplos e díspares atores e movimentos.

Nascidas de um caldeirão borbulhante de fontes diversificadas, as ideias de origem, identidade e território (nação/pátria), raça, essencializadas, naturalizadas, emergiram a reboque das fortes crises sociais-políticas. A nação pura como território de uma identidade unitária deveria excluir ou segregar minorias étnicas socioculturais, linguísticas e religiosas, noção que se estenderá a opositores políticos. Havia uma defesa escancarada do eugenismo, que grassou mundialmente, dos EUA ao Japão. Leis segregacionistas, campos de concentração e violência racial se espalharam. O racismo nazista redundou em assassinatos massivos de judeus, gays, minorias religiosas, pessoas com deficiência mental, opositores políticos (Hobsbawm, 1995). O ideal nazifascista se espalhou, firmou-se nos grandes centros industriais do norte e ao sul globais, foi apoiado/absorvido por empresas, igrejas e templos católicos e protestantes. A influência maurrasiana sobre padres, bispos, movimentos católicos europeus e latino-americanos, ainda que resignificada em alguns casos, se ampliou. Das organizações católicas mais influenciadas pode-se citar, dentre outras, as associações integralistas e a *Opus Dei*, fundada por Josemaría Escrivá (Moncada, 1992; 2006). Em dezembro de 1926, Pio XI condenou os católicos maurrasianos e a A.F., censurou os livros mais pagãos, como diziam seus detratores católicos, inserindo-os no *Index Librorum Prohibitorum*³¹. Parte das condenações foi atenuada. A partir daí, a influência direta sobre o catolicismo decaiu, fragmentou-se, mas continuou (Cazzeta, 2012). O escritor provençal foi condenado em tribunais franceses em 1912, 1929 e 1936 por atos de violência e pelo teor racista de alguns escritos. Foi preso em 1937, ocasião em que recebeu uma carta amistosa de Pio XI (Corção, 1972). Solto, em 1938, fez uma peregrinação a Lisieux (Sta. Terezinha) e enviou uma carta a esse Papa. Desenvolveu pouca simpatia pelos germânicos, mas entusiasmou-se com Benito Mussolini, que lhe confessou uma dívida doutrinal. Suas ideias de pátria, raça, instituições intermediárias/orgânicas, dentre outras, influíram, direta e indiretamente, sobre projetos de leis e leis promulgadas pelo governo fascista italiano, dentre outros (Sutton, 2002).

Em 1936, o escritor francês apoiou o general Francisco Franco, ditador da Espanha. Exerceu influência sobre o movimento nacionalista-autoritário de Salazar (1933), ditador de Portugal. Ambos os ditadores realizaram grandes concordatas com a Igreja (Cazzeta, 2012). A ascendência maurrasiana sobre ambientes espanhóis e portugueses alcançou pequenos círculos católicos integralistas, monarquistas e positivistas (Wink, 2023). Sua prolífica produção literária e o heteróclito gradiente de suas ideias permitiram distintas apropriações e adaptações (Bertonha,

²⁹ Um breve vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dK6jVtR2Qfc>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁰ Esse oficial do exército francês foi acusado injustamente de espionagem para a Alemanha. Descobriu-se sua inocência. Uma brutal campanha antijudaica se espalhou. O caso ganhou comoção nacional e mundial. Intensos debates e mobilizações favoráveis e contra, ocorreram.

³¹ Um dos livros era *Chemin de Paradis*.

2018)³². Para um crítico católico tradicionalista, sua ambiguidade “permitiu reunir [...] católicos e ateus, monarquistas e socialistas, aristocratas e anarquistas, nobres e proletários, tradicionalistas e sionistas, positivistas, tomistas e bergsonianos” (Fedeli, 1994, p. 5). A obsessão pela ideia de pureza e de iluminação superior faz nascer entre as direitas a lógica sectária: a competição entre os que se veem como puros encarnes dos ideais supremos (o outro sempre é o impuro, o desviante), o que redundava em conflitos e divisões.

O pensador francês nunca esteve nas melhores universidades, mas foi guindado em 1938 à prestigiada Academia Francesa. Em 1941³³, Maurras apoiou e recebeu apoio do regime colaboracionista do Marechal Philippe Pétain (1940-1944) e o saudou como uma divina surpresa³⁴. Com a derrota nazifascista³⁵ e o retorno do Marechal Charles De Gaulle, ele foi julgado, excluído da Academia, condenado à morte por colaborar com o regime nazista. A pena capital foi convertida em prisão perpétua. Em 1952, por questões de saúde, foi transferido para uma clínica, onde morreu reconciliado com a Igreja (Chiron, 1991). Os círculos de leitores e adeptos na tríade Portugal-Espanha-França, possibilitaram que ele fosse lido entre católicos e líderes políticos conservadores (Gonçalves, 2012; Cazzeta, 2012).

A derrota do nazifascismo exilou as ideias da extrema-direita, relegou-as ao desprestígio, mas não foram extintas. Permaneceram vivas entre pequenos círculos de movimentos político-religiosos. Logo assomou ao horizonte histórico-social a Guerra Fria (1949-1989). Comunismo e capitalismo, com ou sem democracia (eleições representativas e pluralismo partidário), disputavam espaço. Com democracia liberal (EUA) e ditaduras (Chile de Pinochet) ou com regimes fechados (URSS, Cuba, China) e democracia socialista (Chile de Allende). Havia uma crescente luta por direitos sociais-trabalhistas, escola, lazer, habitação, segurança e educação públicas. O salário social prosperou, em maior ou menor medida. Contribuiu para esse cenário a existência do socialismo/comunismo, visto como alternativa histórica concreta, e as lutas sociais dentro do quadro das democracias representativas, dentre outros (Hardt, Negri, 2016). Apesar das guerras regionais³⁶, golpes de Estado, emergiu um mosaico complexo: bem-estar-social, ainda que insuficiente; descolonização da África/Ásia; novas ondas nacionalistas; radicalizações armadas à direita e à esquerda, algumas com a adesão de padres e freiras (Hobsbawm, 1995)³⁷. Os movimentos ocorridos em 1968, Maio em Paris, Primavera de Praga, Conferência de Medellín, repercutiram mundialmente e marcaram a ideia de justiça, igualdade e equanimidade social com liberdade (Hobsbawm, 1995). Havia críticas às formas rígidas, autoritárias e burocráticas dos regimes comunistas não-democráticos e surgiram movimentos e partidos socialistas críticos do estalinismo e maoísmo. Desejava-se abertura, utopia, experimentação, o ser-lançado-ao-mundo, o sair da casa patriarcal e seus muros-cercas-fossos, a recusa das botinas reacionárias ou estalinistas.

Nos anos 1970-80, somada a crise do Estado de Bem-Estar Social, sobreveio mais uma brutal crise de acumulação, que redirecionou todas as forças produtivas. Havia baixa acumulação

³² Por exemplo, os republicanos rejeitavam a monarquia, mas aceitavam o nacionalismo integral

³³ Nos anos 1930, formou-se uma Frente Popular para enfrentar o nazifascismo: socialistas, comunistas, centro, católicos sociais, laicistas, republicanos. Conseguiu maioria parlamentar e refreou a extrema-direita. Mas, a ideia de nacionalismo conquistou muita gente na esquerda.

³⁴ Em Compiègne, P. Pétain assinou o armistício com Hitler. A França foi dividida em uma parte livre, e outra, ocupada, *Etat Français*, com sede na cidade de Vichy. Pétain tentou fazer jogo duplo, mas tolerou a deportação de judeus para campos de concentração.

³⁵ Apesar de derrotados, julgados (Nuremberg) e condenados, muitos nazistas fugiram para Argentina, Uruguai, Bolívia, Paraguai e Brasil. Muitos morreram sem julgamento. Grupos nazistas cresceram nos últimos anos, ao mesmo tempo que a extrema-direita. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/06/12/nazistas-america-do-sul.htm> Acesso: 30 jun. 2024.

³⁶ Devido a competição entre as potências nucleares (EUA, URSS/Rússia, Índia, Paquistão, França Inglaterra, Israel, China), e após as bombas de Hiroshima e Nagasaki (Japão, 1945), uma terceira guerra mundial significa a extinção da humanidade.

³⁷ Pode-se citar o padre colombiano Camilo Torres Restrepo. Criou-se a imagem mítica do padre-guerrilheiro. Havia também apoio pacifista, como o do padre e teólogo Ernesto Cardenal, junto com outros padres e freiras, à Revolução Sandinista (1979), ocorrida na Nicarágua.

de capital (Prado, 2023). A arquitetura mundial foi abalada, tomada por forças históricas e eventos políticos que levaram ao trono papal e às cadeiras presidenciais-parlamentaristas, doutrinas econômicas e religiosas conservadoras (Mattei, 2022). A tríade Ronald Reagan/Margareth Thatcher/Karol Wojtyła (João Paulo II) desenhou o mapa político-religioso mundial *pari passu* a ascensão das receitas econômico-políticas neoliberais (Hardt; Negri, 2016). Rejeitadas por governos democráticos de esquerda num primeiro momento, foram aceitas com mitigações (Saad-Filho, Morais, 2018)³⁹. O sangrento golpe militar no Chile (1973), liderado pelo general Augusto Pinochet e apoiado pelos EUA, derrubou o governo socialista de Salvador Allende, eleito democraticamente, e selou a aliança entre neoliberalismo e autoritarismo. Era possível ao capitalismo conviver com regimes antidemocráticos e gozar de legitimação religiosa³⁹. Pululavam grupos católicos integristas e conservadoras pela América Latina. O Sodalício de Cristo, organização ultrarreacionária dissolvida pelo Papa Francisco em 2024, começou suas atividades no Peru, em 1974. A TFP iniciou no final dos anos 1960 uma forte transnacionalização (Argentina, Chile e outros países)⁴⁰. O apoio dado por esse catolicismo aos regimes autoritários de extrema-direita e a receita neoliberal, embora com alguma crítica, se deu em um contexto de pânico moral e anticomunismo (Augusto, 2016). Os *think tanks*, instituições de apologia de ideias liberais, libertárias e neoliberais se espalharam, financiadas por governos autoritários, conservadores e neoliberais e empresas privadas.

O integrismo, reação católica contra a modernidade, desdobrou-se em sucessivas ondas, especialmente após o Concílio Vaticano II (1962-1965). Durante esse evento, formou-se uma ala minoritária, *Coetus Internationalis Patrum*, liderada por dois bispos, o francês D. Marcel Lefebvre (1905-1991)⁴¹ e o brasileiro D. Antônio de Castro Meyer (1904-1991), que se opôs as reformas eclesiais. A tradição, vista como imutável, deveria ser reestabelecida. O rito tridentino deveria ser o centro litúrgico. Mais tarde, João Paulo II (1979-2005), e sobretudo Bento XVI (2005-2013), reintegraram os tradicionalistas dispostos a aceitar a autoridade da Santa Sé. Em 2007, a celebração da missa tridentina foi sancionada oficialmente. Desde então, cresce e reúne reacionários e tradicionalistas, muitos deles simpáticos às ideias maurrasianas. Em 1988, os dois bispos desafiaram proibições ao ordenar novos padres na Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Foram excomungados pelo Papa João Paulo II. Transgredir a ordem, quando vai contra as leis naturais e divinas, segundo a extrema-direita, é um dever. Nesse momento, reemerge a liberdade individual, o imperativo herético. Enfim, completa-se a modernidade como universalização da heresia⁴². A questão da liberdade é irresolvida e contraditória nesses movimentos, o que abre a possibilidade de insólita aproximação com os libertários/anarcocapitalistas e os neoliberais na invectiva contemporânea antissistema e antipolítica.

As instituições religiosas ocultam abismos históricos, as diferenças entre suas origens, seu longo percurso, seu presente, apresentando-se como eternas, iguais a si mesmas (Hervieu-Leger, 2004). Mas sempre há mudanças, embates, estratos de tempo, temporalidades condensadas, que se misturam, que colapsam, que inflam para depois reemergir ressignificadas, instrumentalizadas (Koselleck, 2014). A contingência e a imprevisibilidade estão dentro da execução dos planos coletivos e individuais, e juntam-se aos processos de longo prazo que “[...] permanecem presentes como experiências de fundo [...]” (Koselleck, 2014, p. 37). A distância entre previsão, resultado esperado e realização no tempo presente nunca é superada. O trançado complexo entre essas forças rasga os horizontes com linhas de fuga.

³⁹ Foi o tempo de uma minoria, a extrema-esquerda, discordante da esquerda democrática, buscou, a guerrilha, o sequestro assassinato político.

⁴⁰ 1967 inaugurou-se a sociedade chilena e a argentina.

⁴¹ Fundador do mais expressivo tradicionalista, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

⁴² Expressão que Peter Berger (2017) usou como título do livro e do primeiro capítulo.

A ilustrar como opera a interseccionalidade entre esses processos de largo alcance e o horizonte de expectativas, está a mudança feita pelo teólogo jesuíta Luigi d'Azeglio (2012) ao mostrar que o direito natural e os direitos do cidadão, consolidados com o mundo moderno, poderiam ser harmonizados no pensamento de Tomás de Aquino (De Cicca, 2017). O direito de propriedade, que tinha *status* secundário no pensamento tomista e existia por conveniência e adequação à natureza, tornou-se um direito primordial (De Cicca, 2017). Passou a gozar de inamovibilidade, uma das características da noção de direito natural, junto com o direito à vida. Essas ideias cimentam a aliança entre o reacionarismo católico, a extrema-direita, o neoliberalismo e libertarismo, ao apresentarem pressupostos metafísicos (Augusto, 2016). Pressupostos que passam despercebidos no pensamento anarcocapitalista ou libertário (Nozick, 2011). Nesse pensamento, o Estado é acusado de usurpação sobre os indivíduos, a verdadeira e natural realidade. Estes são naturalmente desiguais entre si, mas perpassados pela utopia da liberdade (Nozick, 2011). Os grupos tradicionalistas-reacionários estendem a noção de inamovibilidade à moralidade familiar e sexual. A tríade, tradicionalismo/reacionarismo, neoliberalismo e libertarismo aproxima-se, apesar das diferenças.

Os anos 1990-2000 foram tempos de indeterminação política (terceira via), de clímax dos modos neoliberais de governamentalidade, que penetraram na cultura e na sociedade. Governos de esquerda ou social-democratas adotaram o 'neoliberalismo desenvolvimentista' (Saad, Moraes, 2018). Após o atentado jihadista islâmico⁴³ às Torres Gêmeas (2001) e o crash econômico de 2008, o nacionalismo ganhou terreno no rastro do pânico anti-islâmico. As plataformas digitais e as redes sociais, posteriormente monopolizadas por grandes empresas, envolverão a totalidade da vida social. Apaga-se a distinção entre vida on-line e off-line. *Emerge* o biocapitalismo, a precarização, a terceirização, a acumulação do capital via papéis financeiros, subalternizando o Estado e suas políticas sociais (Prado, 2023). Os impactos político-econômicos neoliberais foram profundos: enfraquecimento dos sindicatos, movimentos sociais e instituições públicas (escola, universidade), piora do bem-estar social, permanência do reacionarismo (latifúndio). O individualismo narcísico (o eu diluído em avatares eletrônicos) desse novo momento histórico, a ideia de mérito e de esforço individual (empreendedorismo) ganham terreno e refletem o impacto de ideias neoliberais e libertárias. E, com o neofascismo, ganham espaço grupos/comunidades fechadas/dogmáticas que promovem a rejeição e o ataque aos direitos de grupos sociais subalternizados (LGBTQIA+, negros, indígenas, mulheres). O libertarismo de direita se radicalizará, e contaminará o clima político-intelectual.

Em 2018, durante eleições presidenciais brasileiras, a aliança entre libertarismo, neofascismo e reacionarismo trouxe traços difusos do pensamento maurrasiano. Estes aparecem na práxis de Steve Bannon, Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro, entre outros. O padre João B. F. Costa (2006), autor da carta-manifesto, *emerge* dos vagalhões reacionários-tradicionalistas dos anos 1980-1990. Em 2008 foi agraciado com uma paróquia e um templo do século XIX, na segunda cidade mais importante de Goiás, pelas mãos de um arcebispo católico romano, D. Manoel Pestana. Desde então, desenvolveu militância reacionário-tradicionalista.

A carta-manifesto e a aliança Bolsonaro-Maurras

Jair Messias Bolsonaro, nascido em 1955 no interior do Estado de São Paulo, seria o político que melhor traduziria as ideias do escritor fascista, segundo o padre João Batista Costa (2018). Aluno da Academia Militar das Agulhas Negras em 1974, viveu a crise do Petróleo (1973) e o auge da

⁴³ Cumprir dizer que esse terrorismo não representa a dignidade da religião muçulmana.

doutrina Golbery, que tinha como ideias principais, a construção de uma nação e pátria soberanas/sagradas, a declaração de guerra aos inimigos internos (partidos de esquerda, sindicalistas, professores, artistas, ambientalistas) e externos (Ghiraldelli, 2021). Nos anos 1970 havia intelectuais e círculos de leitores maurrasianos ativos, como Gustavo Corção, celebrado escritor e influente intelectual católico. Ele escreveu, num livro que alcançou grande sucesso, elogios a A.F. e ao escritor fascista (Corção, 1972, p. 52): “Precisava [...] saber que cartas Charles Maurras escreveu a Pio XI e que paternais cartas Pio XI escreveu a Charles Maurras”.

Os choques econômicos e a derrocada dos Planos de Industrialização (1968-1979) – (Estado indutor de desenvolvimento) – liderados por economistas liberais (Delfim Netto), fizeram crescer o desprestígio da ditadura. Uma parte da Igreja Católica apoiava o regime ditatorial, a repressão, as ideias moralistas, a outra denunciava a violação da dignidade da pessoa humana (tortura, fome, miséria). O movimento de decadência social-econômica acelerou-se.

No começo dos anos 1980, houve tentativas de endurecimento e atentados terroristas da extrema-direita (Ghiraldelli, 2021)⁴⁴. No estertor do regime veio a Campanha Diretas-Já (1984-1985), com a eleição indireta de Tancredo Neves pelo Congresso Nacional, a despeito de forte mobilização popular por eleições diretas. Parte da direita, que apoiou o militarismo, aderiu à nova realidade democrática. Houve expressiva participação da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base, que estavam no auge. Concomitantemente, a extrema-direita católica se reorganizou, contou com a ajuda de dois papados conservadores, e reforçou sua atuação com antigos atores, como a TFP.

Em 1986, Bolsonaro protestou na Revista Veja contra os baixos salários recebidos. Quebrou a subordinação hierárquica. Um ano depois, essa revista mostrou que Bolsonaro e outro militar tinham um plano para colocar explosivos em unidades militares na cidade do Rio de Janeiro. Desejavam pressionar o alto comando das Forças Armadas. Na reportagem, Bolsonaro ironizou o plano e criticou o ministro do Exército⁴⁵. Ele foi julgado por um tribunal militar, e absolvido. Passou para a reserva. Estreou no mundo político como vereador pela cidade do Rio de Janeiro (Ghiraldelli, 2021). Depois, elegeu-se várias vezes deputado pelo estado do Rio.

Entre os anos 1990 e 2018, o político paulista da extrema-direita elogiou Hugo Chávez, Lula da Silva, o Golpe Cívico-Militar de 1964 e seus torturadores, louvou a atuação das milícias (grupo criminoso paraestatal) (Ghiraldelli, 2021). O capitão reformado manifestou desprezo pela República. Exaltava a liberdade de atacar leis, de possuir armas, de manifestar preconceitos contra minorias, de sonegar impostos (Ghiraldelli, 2021). Os discursos eram pronunciados em plenários vazios. Repudiava as minorias e seus direitos: LGBTQIPA+, negros, quilombolas, mulheres, indígenas. Atacou os poderes republicanos: STF/Supremo Tribunal Federal, a Constituição de 1988, documento magno com viés liberal e social-democrata, o Tribunal Superior Eleitoral, as urnas eletrônicas. Apostou na retórica antissistema, terreno comum ao libertarismo e à contrarrevolução (tradicionalismo-reacionarismo). Subsumiu a democracia à vontade de um povo/nação, que seriam naturalmente cristãs. O último movimento foi sua associação com os neoliberais⁴⁶. O candidato bolsonarista deixou de lado o estatismo dos militares da Ditadura de 1964. As Forças Armadas acolheram a visão neoliberal-privatizante. Na visão bolsonarista, o Estado desregulamentaria e extinguiria direitos sociais/trabalhistas, promoveria a liberdade do capital (neoliberalismo) e reverteria ou restringiria direitos de minorias, reprimir inimigos

⁴⁴ Pode-se citar o atentado ao RioCentro, Tijuca, em 1981. Era 30 de abril, véspera da comemoração ao Dia do Trabalhador. Planejado por militares, tentaram atribuído a esquerda. Porém, uma das bombas explodiu no colo de um sargento, matou-o e feriu um capitão.

⁴⁵ Conferir: “VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/columa/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/> Acesso: 20 maio 2025.

⁴⁶ O economista Paulo Guedes, dentre outros, lhe prestaram apoio.

internos (professores, universidades, indígenas, movimentos sociais) (neofascismo). Insuficientes para receber uma responsabilização criminal inequívoca, as provocações do capitão geravam ambiguidade e permitiam a adesão de grupos distintos à sua candidatura. A coalizão eleitoral foi composta por empresários ultraliberais, investidores financeiros, latifundiários/agronegócio, extrativistas ilegais e desmatadores, monarquistas, defensores do golpe de 64, neoliberais, conservadores, neonazistas, anarcocapitalistas, evangélicos (neopentecostais/reformados/protestantes), católicos e espíritas reacionários (Ghiraldelli, 2021). O lema bolsonarista: “Deus acima de Tudo, Brasil acima de todos”, selou a frente ampla. Foi primordial a imagem, ainda que simulacro, como político cristão, defensor da pátria e da liberdade econômica (ultraliberal), dos valores familiares e anti-minorias. Dentro dessa coalizão, com atores heteróclitos, as ideias maurrasianas sobre moral, família, pátria, corporação, democracia, apesar de difusas, eram vibrantes por conta da ligação Banon-Olavo, uma relação absorvida por evangélicos e católicos (Ghiraldelli, 2021). Steve Bannon confessou inspirar-se nas ideias maurrasianas (Hubert-Rodier, 2017). Olavo de Carvalho, guru da família Bolsonaro, que fugiu para os EUA nos anos 1990, reconheceu sua dívida intelectual com o supremacista racial e ideólogo estadunidense da extrema-direita.

Novamente, categorias sociais como pátria/nação, família, Estado, religião, economia, liberdade, voltaram a ser objetos de intensa disputa entre as correntes de extrema-direita e as esquerdas. O quadro político-eleitoral era complexo. Em 2014/2015, as direitas/extremas-direitas haviam saído massivamente às ruas em favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores) (Ghiraldelli, 2021). Havia múltiplas rupturas em andamento, questões conjunturais, como o processo, prisão e impedimento do maior líder de esquerda⁴⁷, os impactos da degradação neoliberal, que ampliou ressentimentos sociais, e mudança mais profundas, relativas ao império da imagética, ao mundo eletrônico digital, a pós-verdade (perda do critério de verificabilidade), ao simulacro (a multiplicação do hiper-real, a perda das diferenças), e ao giro capitalista rumo à financeirização (Ghiraldelli, 2021; 2023).

A convergência provisória de frentes heteróclitas e conflitantes na vitória da extrema-direita brasileira se deu em função de afinidades de fundo metafísico e de conjuntura político-religiosa. O discurso extremista à direita defende os valores naturais da moralidade, a naturalidade do capitalismo como modo de produção. Desfecha ataques ao sistema político liberal e a imprensa livre, às instituições republicanas (escola, universidades, poder judiciário) em nome do indivíduo, da liberdade e da família, vistos como realidades auto-evidentes, realidades desiguais naturalmente, em termos de valor, o que justificaria, aos olhos reacionários-libertários-neoliberais, preconceitos, ataques contra minorias, ideais de igualdade sociais e suas utopias⁴⁸. Situam-se nessa rede de relações político-religiosas, portanto, o bolsonarismo e a carta-manifesto (Costa, 2008).

A peça retórica figurou na página eletrônica da paróquia Santa Maria das Vitórias, Anápolis, Goiás, e reverbera, em parte, ideias e práticas que circulam em variadas expressões político-religiosas. O padre João Batista Ferraz Costa⁴⁹, sacerdote ligado ao tradicionalismo

⁴⁷ O processo judicial e suas provas foram anulados pelos STF devido a ilegitimidade e conluio entre o juiz e o promotor. Havia candidatos com recursos, programas tradicionais à direita e ao centro, mas eles não alavancaram. Não aprofundarei a complexa história dessas eleições.

⁴⁸ Há, nesse aspecto, uma distinção entre a extrema-direita anterior, mais estatista/planejadora, republicana, e a atual, neoliberal e libertária. Numa entrevista dada em 1995, Paulo Maluf, egresso da Ditadura de 1964, o prefeito paulistano defendeu o rigor da lei antifumo e a ação estatal para aplicar a legislação. Entrevista dada em 23 out. 1995. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=p7ThZ5buh0o>.

⁴⁹ Em 2008, sob o patrocínio de Dom Manoel Pestana Filho, bispo emérito de Anápolis, fundou a paróquia com o rito romano tridentino. Fonte: link: <https://santamariadasvitorias.org/sobre> Acesso: 17 maio 2025. Segundo a legenda de um vídeo com uma entrevista sua, publicado em 27 maio 2022, possuiria graduação em Direito (1988), especialização em metodologia do ensino superior pela Universidade Estadual de Goiás (2000), mestrado em filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2003). Durante a entrevista, afirmou sua visão tradicionalista (Magnificat, 2022). Sua paróquia possui um canal no Youtube com poucos vídeos e cerca de mil inscritos. Link: <https://www.youtube.com/@SantaMariaVitorias> Acesso: 17 maio 2025. Sobre o padre e suas posições. Disponível em: <https://catolicosribeiraopreto.com/tag/pe-joao-batista-de-a-prado-ferraz-costa/> Acesso em: 27 jun. 2024. Um longa entrevista dada por ocasião do dos 25 anos de ordenação deste padre: <https://www.youtube.com/watch?v=P8C2TcbiKHY> Acesso: 20 maio 2025.

católico, elaborou esse documento. Nasceu em 1962, em Bocaina, interior de São Paulo em uma família piedosa e católica. Afirmar ter sido ordenado no rito romano tradicional pelas mãos do cardeal salesiano Alfonso Maria Stickler (Igreja Católica Apostólica Romana). Apesar de não possuir grande expressão no catolicismo conservador, sua atuação paroquial, limitada a cidade goiana, é reconhecida (Magnificat, 2022)⁵⁰. O texto foi postado em 30 de agosto de 2018, durante o primeiro turno eleitoral⁵¹. Eis carta-manifesto⁵²:

Charles Maurras⁵³ e Bolsonaro

Tenho-me me empenhado [...] em ajudar os católicos a tomar consciência da importância e da gravidade das próximas eleições. E estou satisfeito observando que muitos católicos começam a perceber que a coisa mais importante em jogo [...] não é tanto a escolha de um presidente que seja um doutor em economia ou finanças públicas quanto a escolha de um homem que tenha um *compromisso real* com a defesa dos valores fundamentais da nação: a defesa da vida, a *salvaguarda da instituição natural da família* (alicerçada na união entre um homem e uma mulher), o respeito à *tradição religiosa* povo da *Terra de Santa Cruz*, bem como a segurança do *direito de propriedade* e de *livre iniciativa econômica* (Costa, 2018, online, grifo próprio).

O padre coloca-se como guia espiritual e político. Há um tom de tutela, paternal, autoritário. A nação possui valores morais e identidades naturais-fixas: família tradicional, propriedade privada, livre iniciativa. A tradição religiosa legítima seria a do catolicismo tradicionalista. O discurso convoca a pátria, a nação. Na França, nesse ano, nas comemorações cívicas, Maurras foi objeto de polêmica. A ministra da Cultura cogitou incluir seu nome como um dos homenageados, mas uma forte reação social a fez recuar. Alguns dos principais livros maurrasianos continuaram sendo republicados, traduzidos ao português, inglês e espanhol. Suas ideias reverberam em círculos monarquistas brasileiros contemporâneos, como na Ação Orleanista.

No trecho seguinte, o anti-universalismo e o antimodernismo são ressaltados:

Como a imensa maioria das pessoas hoje pensa que falar em *ameaça comunista* é um anacronismo, visto que, depois da queda do muro de Berlim e da *abertura econômica da China* (que se tornou um *paraíso capitalista*), a *alta finança* parece não encontrar mais *nenhuma fronteira*, aproveito, então, esse gancho nas minhas conversas para sublinhar que, realmente, o que assistimos hoje é a uma guerra que foi profetizada há mais de um século por um grande pensador francês, Charles Maurras, que disse em *L'Avenir de l'intelligence* (1905) que no futuro os *intelectuais prostituiriam* suas inteligências para a plutocracia e haveria uma verdadeira guerra entre *dois sistemas capitalistas*: um *capitalismo conservador*, enraizado nas *tradições nacionais*, e um *capitalismo revolucionário* que combateria [...] as *tradições nacionais* para alcançar a sua meta: *abolir* todos os *obstáculos* contra o *império do dinheiro* (Costa, 2018, online, grifo próprio).

Em 1989, o comunismo ruiu. No horizonte, restou a configuração capitalista em sua forma neoliberal-financeira, que gerou a plataformização digital da vida e da sociedade. O signo “comunista” se tornou um espírito amorfo, capaz de encarnar ou possuir qualquer corpo ou objeto. A plutocracia é o governo tirânico dos ricos. De fato, não há período histórico com maior número de ricos e super-ricos, com fortuna maior que a de centenas de países, do que nestes cinquenta anos de neoliberalismo. Qualquer coisa que remeta ao universal ou desafie a ideia de hierarquia natural,

⁵⁰ Na página eletrônica: “A Capela Santa Maria das Vitórias tem por fim promover a evangelização através da divulgação da liturgia romana tradicional, bem como apresentar os valores da cultura católica publicando resenhas, seletas e crônicas que focalizem temas filosóficos, teológicos, históricos e literários. A capela em estilo barroco dedicada a Santa Maria das Vitórias onde se celebra como rito exclusivo a missa romana tradicional, também conhecida como missa de São Pio V ou missa tridentina”. Disponível em: <https://www.santamariadasvitorias.org/>. Acesso em: 17 maio 2025.

⁵¹ A página que o hospedava ficou fora do ar e retornou, mas o texto encontra-se em portal de arquivos.

⁵² Serão omitidas algumas frases que não alteram o sentido.

⁵³ Nem todos os movimentos reacionários católicos lhe são simpáticos. Um deles acusa Maurras de gnose e pouca fidelidade a fé católica (Fedeli, 1994).

se torna comunista: ecologistas, feministas, LGBTQIAP+, indígenas, ONU, direitos humanos, liberalismo, políticas sociais. Elementos contraditórios estão agrupados no suposto capitalismo revolucionário: China, a um tempo capitalista e comunista.

No livro *L'Avenir de l'Intelligence*, (1905), Maurras volta-se contra as universidades e as classes intelectuais, que tendem a ser universalistas e cosmopolitas, pouco afeitas à lógica da culpa e da dívida (Stimilli, 2015). Há rancor da extrema-direita contra essas instituições públicas: devem ser expurgadas, purificadas, forçadas a voltar para casa patriarcal e a disciplina castradora, acorrentadas a um espírito positivista, empirista e rasteiro⁵⁴. A ideia de um capitalismo conservador, cujas raízes são nacionais, vem de Maurras (1960, p. 59): “O quadro real da economia é a Nação”. Uma ideia que repercute em líderes autocratas, como Trump (EUA), Putin (Rússia) e Xi-Jinping (China).

A carta continua:

Procuró [...] mostrar a *realidade brasileira* à luz da *análise profética de Charles Maurras*. [...] que nosso perigo não é apenas a eleição de um *socialista estúpido* que *algemaria* qualquer *brasileiro empreendedor* e condenaria toda a nossa sociedade a mais *negra miséria*, mas sobretudo a eleição de um dos candidatos que se dizem *liberais em economia e descomprometidos com a defesa dos valores morais da nação brasileira*. E importa nomeá-los: Sr. Alckmin e Sr. Amoedo. A Sra. *Elena Landau* [...] conceituada economista do PSDB, declarou sua preocupação com uma possível eleição do Sr. Jair Messias Bolsonaro. Por que essa preocupação senão porque a ilustre senhora, que se diz *liberal em economia e costumes*, cumpre perfeitamente o que disse *Charles Maurras* há mais de cem anos: os intelectuais se prostituíram para a plutocracia que execra a *tradição, a família e a religião* porque quer levar a humanidade ao *culto pagão do Bezerra de Ouro*? (Costa, 2018, online, grifo próprio).

O socialista estúpido parece se referir ao candidato da esquerda, Lula da Silva. A nação é um valor moral absoluto e cristão-unitário. Há semelhança com a ideia maurrasiana de nacionalismo integral (Maurras, 1972). Não há espaço para pluralidade e diversidade. Propagada pelo nazifascismo, a fantasia da conspiração mundial serviu para atacar o universalismo, reunir ressentimentos e frustrações geradas com as severas perdas socioeconômicas, e dirigi-los contra minorias e adversários políticos, bodes de expiação da culpa e da dívida (Stimilli, 2015) A carta reatualiza esse imaginário paranoico: há um poder político mundial anticristão. Direitos humanos, sexo-gênero abertos, justiça/igualdade sociais, ciência, universidades e intelectuais, de tendência cosmopolita e universalistas, são atacados⁵⁵:

[...] assistimos à organização de um poder *político mundial anticristão*, [...] necessário que tenhamos um presidente da República a altura com [...] coragem de opor-se a essa *conjuração anticristã mundial*, a qual não se contenta mais com a laicidade do estado, mas quer que o estado seja abertamente *ateu* e a *religiosidade* seja *confinada ao ambiente doméstico e mal tolerada*. Esforço-me [...] por fazer compreender a todos que qualquer *discurso democrático*, qualquer *apologia da democracia*, não passa de um *sofisma*. [...] quem crê no *indivíduo soberano*, no *indivíduo rei*, quem crê no *cidadão consciente e responsável pelos destinos da nação* em uma *sociedade* completamente *inorgânica*, onde todas as *instituições intermediárias* foram *dissolvidas* ou *açambarcadas* pelo ‘*Estado Democrático de Direito*’ ou é um *idiota incurável* ou *age de má fé* visando a interesses mesquinhos inconfessáveis. [...] a maior prova de que o *Estado Democrático de Direito* é um *regime totalitário* que estrangulou a instituição da família em todo o *Ocidente ex-cristão* é o que se viu há poucos meses no Reino Unido, com o *assassínio do menino Alfie Evans* contra a *vontade de seus pais* (Costa, 2018, online, grifo próprio).

⁵⁴ O Brasil Paralelo, organização empresarial e ideológica de extrema-direita, fundada em 2015, ressoa essas ideias que, se não remetem diretamente a Maurras, compartilham com este escritor, forte proximidade. Há cinco anos, a produtora reacionária e revisionista produziu uma série de vídeos acusando injustamente as universidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xlx9WUlkog>.

⁵⁵ Durante os anos dourados da República de Weimar, 1924-1929, a capital e grandes cidades viviam uma explosão de liberdade em meio a conflagração política. Por aquela época, vivia-se, em alguns lugares, uma grande liberdade sexual. Magnus Hirschfeld, médico e cientista/sexólogo criou um Instituto de Pesquisa em Berlim. Ele fundou um comitê científico-humanitário e defendeu liberdade sexual-gênero. A primeira operação transgênero ocorreu nesse instituto, atacado por nazistas em 1933, quando Hitler assumiu o cargo de chanceler.

Estado de Direito e democracia são condenados. Na época de Maurras, circulou um texto espúrio e falso, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, que denunciava uma [inexistente] conspiração mundial planejada por judeus, altas finanças (plutocracia), comunistas/socialistas (bolcheviques russos) e ateus. A peça alimentou o genocídio nazista. Ora os hebreus eram apresentados como decadentes, ora como poderosos e ameaçadores. Sobre a criança citada: um bebê inglês, de 23 meses, era portador de uma condição neurodegenerativa incurável e um insuportável sofrimento. O caso foi julgado nas instâncias judiciais: havia um conflito entre médicos, pais e grupos religiosos. A ortotanásia foi autorizada. Um traço comum da extrema-direita é o ataque ao poder judiciário, por meio de cooptação, reforma ou submissão. Cruzam-se, nesse movimento, traços libertários e reacionários. Nas eleições de 2018, e na de 2022, o governo, que dizia representar a maioria, a voz do povo e de Deus, atacava as urnas eletrônicas e o equilíbrio entre os três poderes republicanos (Ghiraldelli, 2021b). As acusações e campanhas de deslegitimação nas redes digitais e nas ruas contra o STF, a partir de uma visão democrática populista distorcida, traduz e ressignifica a ideia contrarrevolucionária, temperada com libertarismo e defesa do neoliberalismo acima de tudo (Ghiraldelli, 2021b). A atuação do governo bolsonarista na pandemia da Covid-19 (2020-2021) escancarou a convergência desses traços. A carta-manifesto faz eco a rejeição maurrasiano da democracia:

No ‘Estado Democrático de Direito’ não há sociedade organizada a partir da *instituição da família*, a partir dos grupos naturais; há apenas *indivíduos aliados* pelas *organizações criminosas*, os partidos políticos, muitos dos quais comandados pelo *narcotráfico* ou pelas *seitas* que vivem da exploração da ignorância religiosa da população. Em meio a este *quadro apocalíptico da política nacional e internacional* surge para nós brasileiros uma *esperança*, a *eleição de Jair Bolsonaro* para a Presidência da República, a despeito de todos os senões que ele e seu candidato a vice-presidente possam ter. O fato é que Bolsonaro assumiu um compromisso com os brasileiros de fazer respeitar os chamados *princípios inegociáveis*. Com ele na Presidência da República teremos a garantia de que o *direito da família cristã* educar os seus filhos segundo a *Lei de Deus* será respeitado (Costa, 2018, online, grifo próprio).

Pinta-se um quadro de decadência terrível e apocalíptica, como se a família cristã não pudesse educar seus filhos segundo valores religiosos e como se o ateísmo de Estado fosse crível e provável. Conclama-se ao voto, nos quadros de democracia representativa, para que a redenção venha pelas mãos divinas. Um paradoxo. A lei divina traz o fechamento dogmático.

A noção de liberdade, desigualdade e direito natural é compartilhada por neoliberais, anarcocapitalistas ou libertários de direita (Friedmann, von Mises, Rothbard) e reacionários como Jakson de Figueiredo, Joseph de Maistre e Charles Maurras. Mas elas possuem sentidos distintos, especialmente a categoria de liberdade. O que parece propiciar a proximidade são os contextos nos quais essas ideias são mobilizadas para uma ação política insurrecional.

Em seus escritos políticos, Maurras (1960, p. 62) deplora a democracia: ela “[...] ocupa o Estado legislador através do seu governo dividido e divisor. A democracia actua, ameaça, obsidia e paralisa o seu patronato. A democracia excita e convulsiona o seu proletariado” (grifos meus). Continua, “[...] Senhora duma vasta extensão do mundo operário, tomou [...] de empreitada uma empresa do tipo *guerreiro*, tal como o postula o seu pensamento mais geral: submeter tudo ao princípio da igualdade, para nivelar, *desorganizar*”. (grifos meus). E, ainda: “O ‘direito’ igual não se manterá muito tempo perante o ‘facto’ da extrema, da infinita desigualdade física e moral dos cooperantes-compartilhantes” (Maurras, 1960, p. 63, grifo próprio). O fato, supostamente líquido e certo, da desigualdade absoluta, insuperável, é superior ao direito da igualdade, visto como desviante e desvio, infectante, perigoso.

A paixão pela igualdade, que o autodidata francês vê como patologia, é o espelho da sua paixão pela fixidez e hierarquia. Assim, a “[democracia] nada tem de social nem de económico, paixão toda ela política e moral, ou, se o preferirmos, *impolítica e imoral*, porque ela arrasta violentamente a nação e a *civilização* para a *decadência*, para uma ‘luta final’ sem piedade – a sua *paixão* pela *igualdade*. (Maurras, 1960, p. 63, grifo próprio). Com críticas similares, o padre tradicionalista enxerga um salvador, embora imperfeito, que defenderia os valores míticos das instituições naturais. Viria pelo voto democrático, mas...

O ‘Estado Democrático de Direito’, ou melhor a *democracia totalitária* não invadirá arbitrariamente o santuário da família, como diz Leão XIII na *Rerum Novarum*, para, em nome dos princípios revolucionários da ONU, impor à nossas crianças a sórdida ideologia do gênero nem a masculinização das nossas mocinhas nem a efeminização dos nossos rapazes. Com Bolsonaro na Presidência da República teremos a oportunidade de fazer também uma ampla reforma da universidade brasileira, acabando de vez com esse antro de corrupção ideológica [...], para criar verdadeiros institutos de investigação científica e de promoção da verdadeira educação intelectual do povo brasileiro. Que Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil, nos alcance uma grande graça no dia 7 de outubro próximo quando a honraremos sob o título de Rainha da Vitória! Anápolis, 30 de agosto de 2018. Festa de Santa Rosa de Lima, Patrona secundária da América (Costa, 2018, online, grifo próprio).

A noção de família e sexualidade fixas, hierárquicas, naturais, são noções capitais no discurso da extrema-direita. Da *Rerum Novarum*, o padre extrai a faceta neofascista. O pânico sobre gênero-sexualidade aponta para a lógica expiatória do ressentimento. Contrapõem-se ao horizonte aberto, a certeza da punição e da vigilância. A sexualidade/gêneros plurais, a proposta socialista-humanitária, a ecológica, falam para o universal, vão ao encontro de valores fundamentais da modernidade. A ideia de democracia totalitária é uma contradição: apela-se às urnas, mas ao mesmo tempo critica-se o voto, reduzido a mero quantitativismo danoso (Maurras, 1954). Mas, numa democracia republicana, respeitam-se as minorias, procura-se dar a qualquer cidadão acesso equânime aos direitos sociais. Ideia que se choca com as práticas de austeridade (enxugar, cortar, conter, promover a ascese) e com a ideologia do empreendedorismo e da meritocracia, exaltadas pelas doutrinas neoliberal e anarcocapitalista.

Desprezam-se as instituições públicas: estas devem sofrer intervenção estatal, pois estão corrompidas por não refletir os valores desses grupos extremistas, que os defendem como sinônimo da universalidade. Em um estado laico-republicano, os que desejam viver de modo religioso não são obrigados a se comportar contra suas fés. Nas redes sociais, propagandeiam, sem censura, seu *modus vivendi*, e lucram como influencers. A obsessão com questões morais reflete o pavor em relação àquilo que demole a tutela moral autoritária. Pessoas, famílias e sociedades deveriam ser guardadas por muros, castelos e arames farpados, e reprimidas com coturnos, se ousam indisciplinar-se contra a Ordem. Um traço reacionário é a fixidez que engloba família, associações, cidades, nações submetidas a uma física social. Assim, segue o texto maurrasiano: “As substâncias vivas, os corpos físico-químicos [...] têm as suas condições de estabilidade e de progresso. Do mesmo modo, as sociedades progridem ou retrocedem conforme respeitem, ou não, esta ordem divina”. (Maurras, 1960, p. 62).

Nas estratégias reacionárias político-religiosas procura-se ocupar o poder legislativo e o executivo pelo voto popular, instigado por polêmicas (populismo moral), atacar o poder judiciário, exaltar a liberdade de expressão absoluta, recriminar minorias. Readaptam-se ideias de privilégio, distinção e hierarquia, derrubadas pelas revoluções burguesas e sociais do século XVIII, XIX e XX. O movimento confessa, na verdade, que identidade, moral, família, religião, lugar e origem não são entidades metafísicas, mas questões históricas, construídas na confluência entre os processos de

longo prazo, o horizonte de expectativas do presente, as ações expectadas, as praticadas e seus resultados imprevistos (Koselleck, 2014).

A receita neoliberal aplicada desde os anos 1970 no mundo inteiro, e no Brasil desde 1990 (Collor/FHC, 1990-2001), com períodos de mitigação (Lula/Dilma, 2002-2016), não resolveu os problemas de desigualdade, destruição do meio-ambiente, desrespeito aos direitos sociais/trabalhistas e de minorias, enfim, os direitos humanos e sua universalidade. Ao contrário, a concentração de renda e a de riqueza aumentou em países ricos e desenvolvidos e em desenvolvimento. A produção de afetos tristes trasbordou, e enquistou-se. Nas eleições de 2022, 22% dos votantes em Jair Bolsonaro acreditavam que o voto não iria melhorar a situação ou as suas próprias vidas. Votaram na desesperança, amargura e ressentimento. Antes, esses votos resultavam em não-comparecimento, votos brancos e nulos. As candidaturas de extrema-direita desde a Redemocratização (1985) pouco faziam sucesso, exceto a de Enéas Carneiro, que, em 1994, amealhou 2,0% dos votos válidos, ficando à frente de Orestes Quércia (PMDB), Espiridião Amim (PP), da antiga direita, e de Leonel Brizola (PDT), socialista-trabalhista (Ghiraldelli, 2021).

Entre a época de Maurras e a contemporaneidade, há a lógica do capital financeiro, que acelera a conexão direta entre signos, empobrece a hermenêutica, faz das plataformas e redes digitais o que elas são. A vida social, as subjetividades, as religiões e a política são algoritmizadas, submetidas ao dataísmo, a extração máxima de valor pela máquina semiótica por excelência, o capital (Ghiraldelli, 2023). A hiper-realidade, o detalhe exagerado do real, torna-se natural, auto-evidente, passa a ser o real. Não se consegue mais compreender as realidades fora do hiper-real (Ghiraldelli, 2023). A opacidade gerada nesse contexto recobre passagens contraditórias das falas e discursos presentes na atuação bolsonarista e na carta-manifesto. A contradição é subsumida pelas sínopes e arroubos retóricos. No discurso de Costa (2018), os signos são verdadeiros no momento de sua emergência. Atenuam-se diferenças entre ideias fundamentais: liberdade, voto, moral, família, Estado, economia (libertárias, tradicionalistas, neoliberais).

Por isso, a extrema-direita aposta na estratégia de Bannon de jogar continuamente absurdos e disparates nas plataformas (Ghiraldelli, 2023). Uma aposta no caos e na ruptura semântica, que agrega ecossistemas digitais reacionários, libertários e neoliberais e os faz autoimunes às críticas e autocríticas, impermeáveis a interação com diferentes com formas de vida e pensamento. Ao mesmo tempo, tenta-se construir uma âncora existencial-material nas velhas classes operárias e setores sociais abandonados das classes populares e nas elites, classes médias e capitalistas dispostos a investir no extremismo reacionário político-religioso.

A tríade origem, identidade e território (pátria/nação) passa a ser pura-indefectível. A esse conjunto acopla-se uma visão dogmático-rígida, um pessimismo moral (decadência irreversível do mundo e do ser humano) e um contraditório fatalismo existencial (desesperança na ação política, mas, ao mesmo tempo, deseja-se demolir o “sistema político”). Nesse sentido, nada se poderia fazer para trazer ao mundo um pouco mais de justiça, de esperança ou de bem-estar social coletivo. Baseado em ideólogos⁵⁶, o discurso extrema-direita e do reacionarismo argumenta que a tentativa de buscar justiça e esperança produz seu oposto, o mal. A liberdade é a de não transgredir o ordenamento divino/natural e agir conforme a díade vontade divina-natureza. A ideia de livre expressão comporá o ariete contrarrevolucionário dirigido a demolição da ordem política democrático-republicana laica e liberal reconstruída após a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁶ A referência a um dos mais renitentes ideólogos da extrema-direita brasileira, Luís Felipe Pondé, é inevitável. Suas ideias pessimistas-reacionárias se fazem presentes nas mídias e são pouco questionadas, largamente consentidas pelos órgãos de imprensa. Infelizmente, o mundo acadêmico critica pouco e prefere ignorar essa poderosa militância reacionarista.

Para esses grupos religiosos-políticos, qualquer tipo de regulação pública das ações e discursos, na legislação ou em discussão no parlamento (projetos de lei), ainda que veiculem preconceito, racismo e violência, é visto como ato de censura, imposição ditatorial, cerceamento estatal, e deve ser combatida.

A Natureza, Deus, Ordem são sinônimas e são desta forma: inflexíveis, hierárquica e ontologicamente superiores. Se a Ordem é transgredida, castigos ou consequências inexoráveis-impiedosas sobrevêm sobre seres humanos e sociedades: catástrofes climático-ambientais, doenças, vírus, guerras, decadência. As tentativas de mudança são vistas com suspeita: deve-se lutar para atrasar, impedi-las ou revertê-las, pois a ação mais legítima é a que se orienta pela perspectiva da restauração, do regresso à casa grande patriarcal⁵⁷ e à jaula de aço⁵⁸.

O poder que atrasa⁵⁹ é dirigido contra melhoramentos e lutas por igualdade e justiça social, meio-ambiente e minorias. Daí, a profunda dimensão agônica, buscada e admirada na extrema-direita e no reacionarismo-tradicionalista. G. Corção (1972) exalta a A.F. e o escritor fascista francês, alma atormentada, mas católica, mesmo em seus dias mais pagãos [segundo ele]. Diz: “Para compreender a grandeza da tragédia desencadeada em torno da A.F, é preciso levar em conta que nenhum dos combatentes principais, Maurras, Léon Daudet [...] jamais recuou diante de alguma ameaça, e jamais hesitou em receber, em posição de combate, *un ennemi de plus!*”. (Corção, 1972, p. 178). Seria preciso lutar contra o mundo e si mesmo, submeter as carnes (ascese), e, não menos importante, dirigir a ira divina, a pura violência da destruição, contra a ordem vigente. Arlindo Veiga, admirador maurrasiano, afirmava: “Extrema direita radical e violenta, afirmadores de Deus e sua Igreja, afirmadores da Pátria Imperial e Católica, inimigos irreconciliáveis e intolerantes do burguesismo, plutocratismo e capitalismo materialista, ateu, gozador, explorador, internacionalista, judaizante e maçonzante [...]” (*apud* Wink, 2023, p. 73). Há espaço para comunidade, paz, solidariedade social, mas somente se derivada das leis divinas e naturais, pois “[...] toda a dificuldade nasce daí, porque daí advém, entre os homens, um espírito de rivalidade e de concorrência, de hostilidade e de rapina” (Maurras, 1960, p. 5).

A aproximação ambígua e conflituosa entre tradicionalismo/neofascismo, neoliberalismo e libertarismo, se intensifica. O primeiro aprofunda o sentimento de culpa, o pessimismo/fatalismo. O segundo coloca o indivíduo como agente econômico-social absoluto, responsável por sucessos e fracassos. O terceiro elege a liberdade individual como um dado natural, ontológico e utópico. Pelos três perpassa ideias metafísicas de desigualdade e ordem. A culpa e a dívida lançadas sob as costas individuais, produzem, por sua vez, o anseio pelo punho de ferro e pela casa patriarcal, o que aplacaria a violência caótica. O alívio do sofrimento é buscado por vias patológicas ou irracionais (reiteração da lógica do capital). O aprisionamento no círculo de eterno retorno culpa/dívida, se torna o horizonte metafísico da extrema-direita político-religiosa e espelha o impasse final (Stimilli, 2015; Barros, Barsalini, 2024).

Por fim, nada mais fidedigna para interpretar essa rede de ideias/personagens do que a descrição feita por um discípulo maurrasiano ao encontrar seu mestre: “Charles Maurras habitava [...] na Rua de Verneuil. Estava-se [...] por volta de 1926. Neste [...] bairro da margem esquerda [rio Sena, Paris], domina um permanente cheiro a bolor, pedras húmidas (sic) e a madeira podre, que em baforadas nos chega pelas portas traseiras.” (Maurras, 1960, p. 2).

⁵⁷ A figura da casa patriarcal é uma metáfora para ressaltar o caráter controlador, persecutório e sufocante do nazifascismo.

⁵⁸ A diferença entre extrema-direita e direita, entre reacionarismo e conservadorismo é a valorização da democracia e dos poderes republicanos. Em outras palavras, as direitas democráticas respeitam os valores da democracia e da república. Mas, para participar do poder, algumas apoiam a extrema-direita e por ela são engolidas. Em 2023, nas eleições argentinas, esse fenômeno ocorreu.

⁵⁹ Uma boa discussão sobre o poder de segurar a consumação dos tempos, uma ideia de Paulo Apóstolo, e seus usos políticos e sociais (Schmitt, e outros), encontra-se em Cacciari (2013).

Considerações Finais

Três personagens estão no discurso religioso-político da carta-manifesto: o político e padre brasileiros, e o escritor francês. Eles seriam receptáculos de uma missão divina: fazer do Brasil terra da liberdade, devolvê-la aos braços das instituições supostamente sagradas e naturais. A visão dogmático-rígida, o pessimismo moral e o fatalismo existencial estão estreitamente coligados. O desamparo e o ressentimento, frutos de crises econômicas e sociais, alimentam o desejo de beijar o anel do pai, ajoelhar-se perante seu bastão, voltar para a grande disciplina: encarceramento sexual, origem identitária pura, tentativas reacionárias para contenção de forças universalistas (medo da diluição de si). Cinquenta anos de neoliberalismo aprofundaram desigualdades e produziram frustrações sociais que favorecem tentativas de resolução reacionário-conservadora-libertária da crise neoliberal e das insuficientes saídas individuais, banhadas em euforia meritocrática ou em pessimismo resignado blasé. Resulta que os laços entre a extrema-direita e o catolicismo reacionário são profundos.

As ideias não estão soltas no ar, mas ligam-se de forma complexa e não-determinística ao *corpus* socioeconômico e humano contemporâneo e suas texturas e contexturas. Os laços entre religião e economia podem ser elusivos e diáfanos, mas vingaram na modernidade e na contemporaneidade. Por isso, ideias econômicas possuem forte sentido político-religioso (Stimilli, 2012). Nesse sentido, é possível associar reacionarismo-tradicionista católico, extrema-direita, neoliberalismo e libertarismo. No entanto, a doutrina que emana da convergência entre extrema-direita e catolicismo reacionário-tradicionista carece de sistematização, coerência, potência, alcance hermenêutico. Ela seria uma função derivada da práxis, ou seja, da ação direta para restaurar o ordenamento supostamente corrompido e transgredido da humanidade e do mundo.

Na carta-manifesto não há horizonte de futuro ou esperança, exceto o desejo de regressar à casa grande patriarcal castradora. Oferece-se o recurso monótono a temáticas regressivas: anti-imigração, anti-minorias, anti-intelectual, anti-escola pública, a liberdade da contra-mudança, anticomunismo (como se comunismo ainda existisse). No documento político-religioso, a implosão da semântica mistura ficção, eventos históricos, desejos e fantasias.

A situação de profundo impasse leva, para uns, a violenta implosão, a exclusão da pluralidade, a volta para o lugar fechado e vigiado pelo báculo paterno. Para outros, nas fissuras e fendas, podem brotar novas esperanças e apostas em caminhos mais generosos, menos rancorosos e vingativos do que os ofertados pelo reacionarismo religioso-político diante da migração forçada, da pobreza-miséria, da destruição do meio-ambiente, do abismo social crescente entre ricos e pobres.

Referências

- Almeida de Carvalho, R. A Política Concordatária de Pio XI e Pio XII: As Concordatas Italiana, Portuguesa e Espanhola. In: Martins, F. (org.). *Diplomacia & Guerra*, Évora: Publicações do Cidehus, 2001. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.3552>. Acesso em: 17 maio 2025.
- Arduini, G.R. *Em busca da idade nova*: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social (1928-1945). São Paulo: EDUSP, 2015.
- Augusto, A.G. O neoliberalismo religioso e aristocrático de von Mises. *Revista Brasileira de Economia Política*, v. 44, p. 86, 2016.
- Azzi, R.; Grijp, K. V.D. *História da igreja no Brasil*: terceira época (1930-1964). Tomo II/3-2. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Barros, D.F.; Barsalini, G. Debt: A Political-Theological Device Acting in Favor of the Neoliberal Ethos. *Religions*, v. 15, n. 3, p. 285, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel15030285>. Acesso em: 17 nov. 2025.

- Berardi, F. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- Berger, P. *O imperativo herético: Possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- Bertonha, J. F. Salgado, Reale e Barroso: Políticos e intelectuais em circulação entre Brasil, Itália, Alemanha, França e Portugal. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 16, 2018.
- Cacciari, M. *Il potere che frena: Saggio di teologia politica*. Milano: Adelphi, 2013.
- Cazzeta, F. A. Charles Maurras e o surgimento do integralismo lusitano: teorias e apropriações doutrinárias. *Revista Cantareira*, v. 17, p. 40-56, 2012.
- Centro de Memória Sindical. Parte 1: Do início até o fim dos anos de 1920. Centro de Memória Sindical, 8 set. 2020. Disponível em: <https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/parte-1-do-inicio-ate-o-fim-dos-anos-de-1920/>.
- Coehn, G. *Max Weber*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- Corção, G. *O século do nada*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1972.
- Costa, J. B. de A. F. Charles Maurras e Jair Bolsonaro. *Capela Santa Maria das Vitórias*. Anápolis, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200916045641/http://santamariadasvitorias.org/charles-maurras-e-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- Chiron, Y. *La Vie De Maurras*. Perrin, Paris, 1991.
- Entrevista com Pe. João Batista. Parte I. [S. l.:s. n.]. 2022. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Editora Magnificat. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPyXAmu6jQ4&list=PLkt7e8T-YCwIzi1cwVDRnuzua8qaSukx2&index=5>. Acesso em: 17 set. 2025.
- Fedeli, O. Charles Maurras. *Associação Cultural Montfort*. São Paulo, 29 mar. 1994. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/maurras1/>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- Gonçalves, L. Os integralismos como uma forma de conhecimento da relação luso-brasileira no ambiente do conservadorismo. *Locus: Revista De História*, v.18, n.1, p. 45-68, 2012.
- Ghiraldelli, P. *República brasileira*. 2. ed. São Paulo: CEFA Editorial, 2021.
- Ghiraldelli, P. *A democracia de Bolsonaro: 2018-2020*. São Paulo: Editorial, 2021b.
- Ghiraldelli, P. *Subjetividade maquínica*. São Paulo: CEFA Editorial, 2023.
- Hervieu-Leger, D. *Le Pelerin et le Converti: La religion en mouvement*. Paris: Editions Flammarion, 2004.
- Hardt, M.; Negri, A. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- Hobsbawm, E. *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- Hubert-Rodier, J. Maurras, Raspail: une inspiration pour Bannon. *Les Echos*. 2017. Disponível em: <https://www.lesechos.fr/2017/03/maurras-raspail-une-inspiration-pour-bannon-168785>. Acesso: 30 jun. 2024.
- Joly, L. *Naissance de l'Action française: Maurice Barrès, Charles Maurras et l'extrême droite nationaliste au tournant du XXe siècle*. Paris: Grasset, 2015.
- Koselleck, R. *Estratos do tempo: Estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.
- Kurz, R. Die Substanz Des Kapitals. Abstrakte Arbeit als gesellschaftliche Realmetaphysik und die absolute Schranke der Verwertung., *EXIT!, Krise und Kritik der Warengesellschaft*. n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.numeriquepremium.com/doi/abs/10.14375/NP.9782070469185>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- Mattei, C. *The Capital Order: How economists invented austerity and paved the way to fascism*. Chicago Chicago Press, 2022.
- Mattei, C. When Liberals fell in love with Benito Mussolini. *Jacobin*, v. 22, n. 2, 2022b. Disponível em: <https://jacobin.com/2022/10/mussolini-fascism-liberalism-austerity>. Acesso em 30 jun. 2024.
- Maurras, C. Ploutocratie et liberté. *L'Action française*, 9 mars 1911. Disponível em: <https://maurras.net/textes/219.html#p5>. Acesso em: 26 nov. 2025.
- Maurras, C. *Enquête sur la Monarchie*. Paris: Nouvelle Librairie Nationale, 1924. Link: <https://archive.org/details/enquetesurlamon00mauruoft/page/n11/mode/2up>. Acesso: 24 nov. 2025.

- Maurras, C. *Charles Maurras*. Seleção e prefácio de Jacques Ploncard D'assac. Lisboa: Edições Panorama, 1960.
- Maurras, C. *Œuvres capitales: essais politiques*. Paris: Flammarion, 1954.
- Maurras, C. *De la Politique naturelle au nationalisme intégral*. Paris: Vrin, 1972.
- Moncada, A. Sectas católicas: El Opus Dei. *Revista Internacional de Sociología*, v. 3, p. 235, 1992.
- Moncada, A. Opus Dei Over Time. *ICSA e-Newsletter*, v. 5, n. 2, 2006. Disponível em: <https://articles2.icsahome.com/articles/opus-dei-moncada-en5-2>. Acesso em: 18 set. 2025.
- Nozick, R. *Anarquia, estado e utopia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- Prado, E. F. S. *Capitalismo no século XXI: Ocaso por meio de eventos catastróficos*. São Paulo: CEFA Editorial, 2023.
- Peltier, E. F. Rethinks Honor for Charles Maurras, Condemned as Anti-Semite. *The New York Times*, 28 jan. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/01/28/world/europe/france-charles-maurras.html>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- Saad-Filho, A.; Morais, L. Brasil. *Neoliberalismo versus Democracia*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Salamito, J.-M. *Trabalho e Economia nos Santos Padres*. Aparecida: Editora Santuário, 2024.
- Stimilli, Elettra. *Per una vita in debito. Il Saggiatore*, n. 355, p. 154-170, 2012.
- Stimilli, E. *Debito e colpa*. Rome: Ediesse, 2015.
- Sutton, M. *Nationalism, positivism and Catholicism: the politics of Charles Maurras and French Catholics 1890-1914*. Cambridge University Press, 2002.
- Trindade, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 1930*. 3. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.
- Wink, G. *Conservadorismo Brasileiro e a Nova Direita*. Belo Horizonte: Emcomum Estúdio Livre, 2023.